

Afinal, o que é Folkcomunicação ?

Fabio Corniani¹

O termo folkcomunicação surge em decorrência dos estudos de Luiz Beltrão com sua tese de doutorado (1967). Essa tese germinou de um artigo da revista *Comunicações & Problemas* (1965), tratando das esculturas, objetos, desenhos e fotografias depositadas pelos devotos nas igrejas, que possuíam nítida intenção informativa. Eram peças que deixavam de ser acerto de contas celestiais, veiculando jornalisticamente o potencial milagreiro dos santos protetores.

Ele foi um dos pioneiros na introdução do estudo científico da Comunicação no Brasil. Apoiou-se nos ensinamentos do pesquisador austríaco, naturalizado norte-americano, Paul Felix Lazarsfeld, que dizia haver no processo da comunicação coletiva duas etapas significativas: a do comunicador ao líder de opinião e a deste ao receptor comum.

Através dos estudos de Lazarsfeld iniciam-se as pesquisas de opinião pública. O livro *People's choice* (Lazarsfeld, Berelson e Gaudet), publicado em 1941, estuda as variações e condicionantes do comportamento dos eleitores na eleição presidencial de 1940. Com isso, eles chegaram à conclusão de que as mensagens persuasivas atuam como reforço de atitudes previamente estabelecidas.

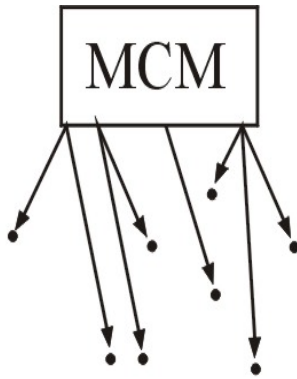
Lazarsfeld introduz em seus trabalhos científicos a presença dos líderes de opinião, levando à compreensão de certos pontos que precisavam ser esclarecidos dentro desse campo, como, principalmente, a participação dos líderes de opinião na decisão dos eleitores.

Em todo grupo existem indivíduos que tem mais contato com os meios de comunicação e, ao mesmo tempo, direcionam a comunicação interna do grupo, segundo o paradigma de L “two steps flow of communications”. Este paradigma, cuja autoria é atribuída a Lazarsfeld, vai contra os conceitos da teoria hipodérmica onde “cada elemento do público é pessoal e diretamente ‘atingido’ pela mensagem”. (LAZARSELD, 1964, 79).

Segundo Toussaint, líderes de opinião são “os indivíduos que recebem em primeira mão as informações dos meios para transmiti-las depois a pessoas desvinculadas disso, mas incluindo a sua própria interpretação da informação recebida. São pessoas que não se desviam de seus grupos; andam pelo mesmo caminho que os outros, mas adiante”. (TOUSSAINT, 1992, p. 32).

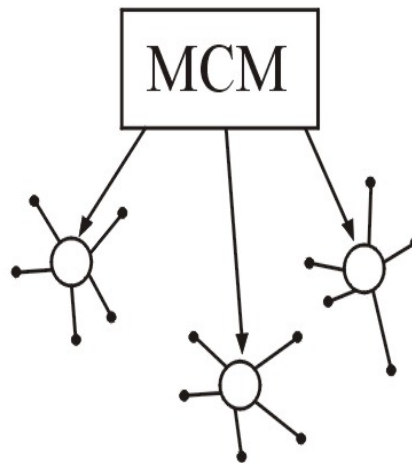
Abaixo podemos representar graficamente (gráfico 1) a oposição entre a teoria hipodérmica e o modelo do two steps flow of communications.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo.



MCM - Meios de comunicação de massa

- - Indivíduos isolados que constituem o público



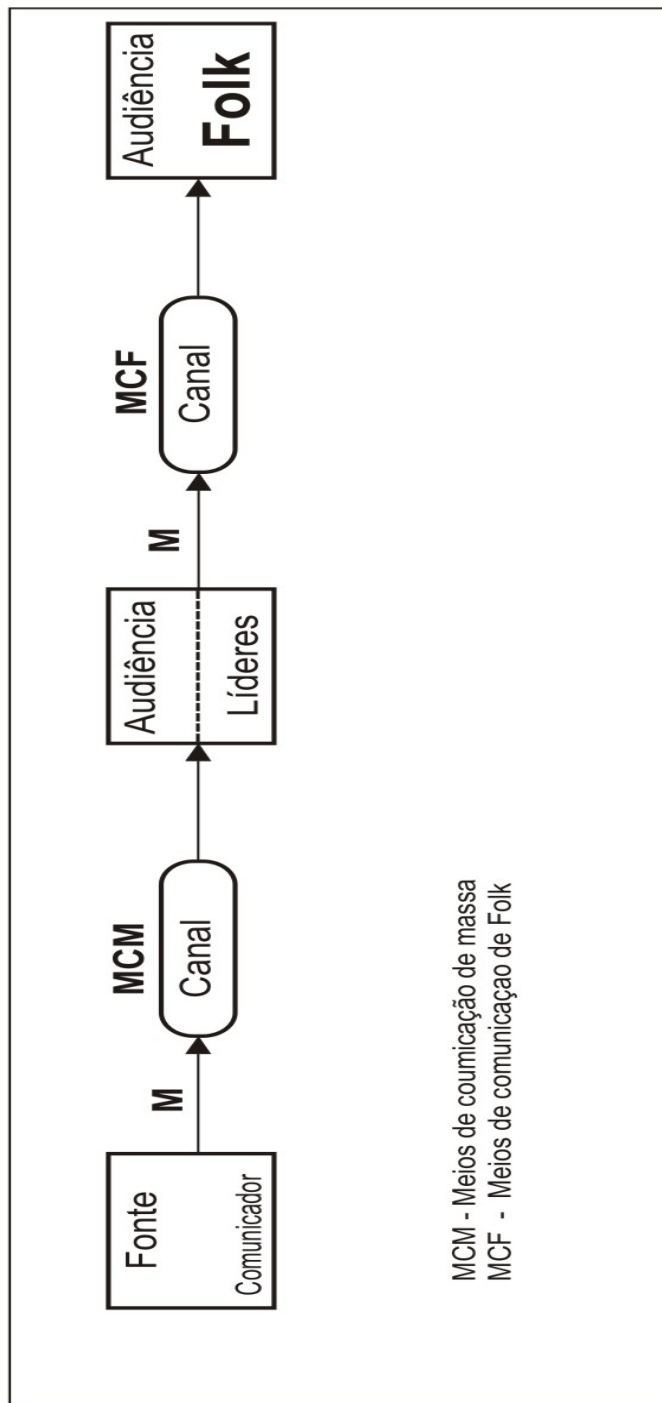
MCM - Meios de comunicação de massa

- - Líderes de opinião
- - Outros componentes dos grupos sociais de que faz parte o líder de opinião

Notem que no esquema da teoria hipodérmica, o fluxo da comunicação parte dos meios de comunicação de massa direto para a audiência. Já no esquema de Lazarsfeld, a mensagem passa por um intermediário antes de chegar até sua audiência final. Este intermediário é o líder de opinião.

Partindo esses estudos, Beltrão identifica o processo folkcomunicacional. Uma fonte transmite uma mensagem através de um canal, que no processo é representado pelos meios de comunicação de massa, chegando até uma audiência, onde estão contidos os líderes de opinião, estes intitulados por Beltrão como Líderes-comunicadores. Em um processo comunicacional padrão (fonte-mensagem-canal-receptor) o fluxo pararia por aqui. Mas no processo folkcomunicacional, neste ponto inicia-se um novo ciclo no fluxo da mensagem. Os líderes se tornam comunicadores e transmitem uma mensagem através de um canal folk, chegando então ao que Beltrão intitulou de audiência Folk. Este processo pode ser melhor representado através do gráfico 2.

Gráfico 2



A audiência folk é formada por grupos marginalizados da sociedade, porém há diversas conotações para a expressão marginal, por isso é importante definirmos uma que mais nos convém. Temos como marginal “um indivíduo à margem de duas culturas e de duas sociedades que nunca se interpenetraram e fundiram totalmente” (BELTRÃO, 1980, P. 39).

Seguindo o pensamento de Beltrão temos três tipos de grupos marginalizados que compõem a audiência folk: os grupos rurais marginalizados, os grupos urbanos marginalizados e os grupos culturalmente marginalizados.

2.1 Os grupos rurais marginalizados

Os grupos rurais marginalizados são constituídos de “habitantes de áreas isoladas (carentes de energia elétrica, vias de transporte eficientes e meios de comunicação industrializados), subinformados, desassistidos ou precariamente contatados pelas instituições propulsoras da evolução social e, em consequência, alheios às metas de desenvolvimento perseguidas pelas classes dirigentes do país”. (BELTRÃO, 1980, p. 39).

Estas pessoas são na maioria dos casos analfabetas ou semi-analfabetas. Possuem um vocabulário peculiar, reduzido e extremamente regional. “Sua permeabilidade à transmissão de novos conceitos não vai além de certas noções empíricas e imediatas e os próprios vocábulos de uso domiciliar não têm, para eles, qualquer significação fora do contexto dialetal”. (DOMINGUES, 1966, p. 51).

Para se comunicarem, os grupos rurais marginalizados valem-se, preferentemente, de canais interpessoais diretos, como as conversas, o relato de “causos” e as normas e regras sociais, que são transmitidas através da oralidade pelos parentes, como pais, avós e irmãos mais velhos, e também através de líderes de sua comunidade, como pastores, velhos e etc.

2.2 Os grupos urbanos marginalizados

Os grupos urbanos marginalizados caracterizam-se pelo reduzido poder aquisitivo devido à baixa renda. Esses grupos são formados por indivíduos que recebem pequenos salários, em empregos ou subempregos que não exigem mão-de-obra especializada, como construção civil, estiva, limpeza e conservação de edifícios, oficinas de reparos, trabalhos domésticos, ofícios e atividades as mais modestas (engraxates, remendões, bombeiros, ambulantes, olheiros e lavadores de carro etc.) Além de pequenos negociantes, servidores públicos subalternos, aposentados, menores sem ocupação, biscateiros e pessoas que vivem de expedientes ilegais – “ladrões, prostitutas, proxenetas, passadores de ‘bicho’ e foragidos da justiça”. (BELTRÃO, 1980, p. 55).

Estes grupos se concentram em favelas, construções populares de baixo custo ou nenhum custo em áreas periféricas dos centros urbanos.

A habitação, em si, também gera doenças e incapacidade para o trabalho e para a integração/ascensão social de tais indivíduos: em geral tem um só cômodo, construindo-se um prolongamento (puxado) para o fogão e o ‘quartinho’, em que se banham e atendem às suas necessidades fisiológicas. A água para beber e para a serventia vem às vezes de chafarizes públicos e, de outras, de poços cavados pelos próprios moradores, sem qualquer tratamento, diariamente recolhida em latas de querosene pelas mulheres (...) (BELTRÃO, 1980, p. 56).

Este contexto citado por Beltrão permanece atual até os dias de hoje nos subúrbios dos centros urbanos, onde as pessoas se espremem em morros ou terrenos baldios, vivendo em barracos ou até casas de alvenaria, porém muito simples e normalmente muito pequeno.

Além dos problemas com a moradia, estas pessoas também sofrem dificuldades com o transporte, haja vista que, na maior parte, os bairros da periferia, como o próprio nome já sugere, ficam isolados geograficamente. Os meios de transporte urbanos geralmente não chegam a esses bairros, fazendo com que a população recorra a meios de transporte alternativos como as lotações. Há também casos em que a única forma de se chegar a um local dentro de uma favela é andando, devido à precariedade das vias de acesso.

Os grupos urbanos marginalizados têm acesso limitado aos meios de comunicação de massa, principalmente devido a sua dificuldade na decodificação de suas mensagens. Esta dificuldade surge pelo baixo nível educacional, pois grande parte das pessoas pertencentes a estes grupos não teve acesso a instituições de ensino. Ou pela falta de oportunidade ou falta de incentivo, formando desta forma uma grande massa de sub-letrados.

Outro motivo que gera dificuldade na decodificação das mensagens dos meios de comunicação de massa é a incompatibilidade da realidade que estes meios passam com a realidade em que estas pessoas vivem, gerando desta forma uma interpretação própria, adequando-se à sua realidade e vivência. Realidade esta que está baseada em pobreza, violência, repressão, fome, preconceito. Enfim, um pacote de situações que estão presentes no dia a dia em um subúrbio.

2.3 Os grupos culturalmente marginalizados

Estes grupos são considerados marginais por constituírem-se de indivíduos que contestam a cultura e a organização social estabelecida, adotando uma política ou filosofia contraposta à que está em vigência. É importante salientar que os grupos culturalmente marginalizados estão contidos dentro dos grupos marginais urbanos e rurais (gráfico 3), sendo que um indivíduo que pertence a um grupo culturalmente marginal, conseqüentemente estará dentro de um contexto rural ou urbano.



Existem três tipos de grupos culturalmente marginalizados que se distinguem pela sua maior frequência em ações comunicacionais, estes são: o messiânico, o político-ativista e o erótico-pornográfico.

O grupo messiânico é composto “de seguidores de um líder carismático, cujas idéias religiosas representam contrafações, adulterações, exacerbações ou interpretações personalíssimas de dogmas e tradições consagradas pelas crenças ou denominações religiosas estabelecidas e vigentes no universo da comunicação social”. (BELTRÃO, 1980, p. 103).

O grupo político-ativista “tem uma ideologia que a comunidade, em sua grande maioria, considera exótica ou insuportável. São indivíduos decididos a manter estruturas de dominação e opressão vigentes ou revolucionar a ordem política e social em que se fundamentam as relações entre os cidadãos, empregando a força como a arma principal para impor suas diretrizes”. (BELTRÃO, 1980, p. 104).

O grupo erótico-pornográfico é composto de pessoas que “não aceitam a moral e os costumes que a comunidade adota como sadios, propondo-se a reformá-los em nome de uma liberdade que não conhece limites à satisfação dos desejos sexuais e prática hedônicas consideradas perniciosas pela ética social em vigor”. (BELTRÃO, 1980, p. 104).

Bibliografia consultada

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cultura popular brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

BARROS, Souza. **Contrastes nas sociedades tradicionais**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paralelo, 1969.

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e folclore**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Teoria geral da comunicação**. Brasília: Thesaurus, 1977.

BENJAMIN, Roberto Emerson. **Folkcomunicação no contexto de massa**. Edições CCALA. Ed. Universitária – UFPB. João Pessoa, 2000.

BERLO, David Kenneth. **O processo da comunicação: introdução à teoria e à prática**. São Paulo: Martins Fontes – 9ª Ed. – 1999.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias**. 3aed. Petrópolis: Vozes, 1977.

BOSI, Alfredo. Plural, mas não caótico. In: **Cultura Brasileira**. Temas e Situações. SP, Ed. Ática, 1987, páginas 7-15.

CALCLINI, Nestor Garcia. **Culturas hídricas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997.

CARDOSO, Fernando Henrique. Os livros que inventaram o Brasil. **Revista Novos Estudos Cebrap**, nº. 37, SP, Cebrap, novembro 1993, páginas 21-35.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Edições de ouro, 1954.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e cantadores**. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

FREYRE, Gilberto. **Interpretação do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

LAZARSELD, Paul. Os Meios de Comunicação Coletiva e a Influência Pessoal. In **Panorama da Comunicação Coletiva**. Rio: Editora Fundo de Cultura, 1964.

LUYTEN, Joseph M. **Desafio e repentismo do caipira de São Paulo**, D.O. - Leitura, Imprensa Oficial do Estado, 3(35):6-7, abr. 1985 e 3(36):14-6, maio 1985.

LUYTEN, Joseph M. **Sistema de comunicação popular**. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

LUYTEN, Joseph M. Conceito de Folkcomunicação. In: SILVA, Roberto P. de Queiroz e (org.). **Temas básicos de comunicação**. São Paulo: Paulinas/Intercom, 1983, p.32-34.

LUYTEN, Joseph M. **Folkmídia**, nova acepção da palavra. Trabalho apresentado no V Folkcom – Santos (SP) – maio de 2002 e no XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom 2002) Salvador (BA) de 01 a 05.09.2002.

LUYTEN, Joseph M. Conceitos de Folkcomunicação. In: MARQUES DE MELO, José. (Org.) **Mídia e folclore**: o estudo da folkcomunicação segundo Luiz Beltrão. Maringá/São Paulo/ São Bernardo do Campo: Faculdades Maringá. Cátedra UNESCO: UESP, 2001.

LUYTEN, Joseph M.(Org.) **Um século de literatura de cordel**: bibliografia especializada em literatura popular em verso. São Paulo: Nosso Estúdio Gráfico, 2001.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular?** 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

LUYTEN, Joseph M. **A literatura de cordel em São Paulo**. São Paulo: Loyola, 1981.

MARQUES DE MELO, José. Folkcomunicação: a comunicação do povo. In: **Mídia e folclore**: o estudo da folkcomunicação segundo Luiz Beltrão. Maringá/ São Bernardo do Campo: Faculdades Maringá/Cátedra Unesco: UESP, 2001.

MARQUES DE MELO, José. **Ensaio de antropologia brasileira**. Natal: Imprensa oficial, 1973.

MARQUES DE MELO, José. **Teoria da comunicação**: paradigmas latino-americanos. 1ªed. Petrópolis: Vozes, 1998.

MARQUES DE MELO, José. **Comunicação social**: teoria e pesquisa. Vozes. 1970.

MARTINS, José de Souza. **Subúrbio**: Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano do Sul, do fim do Império ao fim da República Velha . São Paulo: Hucitec, 1992.

MIÉGE, Bernard. **O Pensamento Comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SILVA, Cristina Schmidt Pereira da. **E viva São Benedito!** A reconversão da festa popular: as formas de manifestação na cotidianidade. São Paulo. 1999.

TOUSSAINT, Florence. **Crítica de la Información de Masas**. Mexico: 2ª. Ed., Trilhas, 1992.